

PROPAGANDA ELEITORAL: ANO 62

Almir de Oliveira

Quem vê nossos postes, nossos muros e as fachadas de nossos edifícios lambuzados de cartazes e de pichações, que fazem a propaganda de candidatos, não faz idéia de quanto isso é antigo. Pois isso acontece pelo menos há 1920 anos ! Já usavam tais práticas os políticos do Império Romano. Quem nos dá notícia disto é Robert Etienne, no seu bem-feito *A vida quotidiana em Pompéia* (edição portuguesa).

No segundo capítulo do segundo livro dessa obra, o historiador francês fala-nos do que denomina a “febre eleitoral”, que dominava os pompeianos logo após o ano 62 de nossa era, quando se cuidava, ali, de reparar danos decorrentes do sismo daquele ano.

Anualmente, Pompéia assistia ao espetáculo da disputa eleitoral, destinada ao preenchimento dos cargos de **duoviri jure dicundo** e de **duoviri** simples, que vieram a chamar-se **aediles**. Os primeiros eram magistrados superiores, responsáveis pela política da cidade, estando-lhes afeta a gerência de todos os negócios civis, religiosos e financeiros; os segundos tinham a seu cargo as estradas, os edifícios públicos e sagrados. Elegiam-se na primavera de cada ano.

“Para abrir a campanha eleitoral era preciso que os candidatos se dessem a conhecer ao magistrado encarregado de presidir ao escrutínio e que seus nomes fossem publicados”, informa R. Etienne. Como se vê, qualquer coisa como o que se faz hoje aqui, a mostrar que não inventamos muito... Havia uma magistratura eleitoral e um registro. Aí começava a campanha. Não havia local especial para a propaganda. A Municipalidade, tal como hoje, não tinha lugares próprios para se escreverem os apelos ao eleitorado. Não progredimos, pois, quanto a isto. A propaganda era pessoal: cada pessoa tomava o partido do candidato de seu gosto e punha ao seu dispor a fachada de sua casa, de sua loja ou armazém. Mandavam pintar de cal as paredes por um profissional adequado, o **dealbator**, depois de preparadas por um pisoeiro. A seguir, contratava-se um pintor, que, em geral, fazia seu ofício à noite, à luz da lua, ou de uma lanterna conduzida por um **lanternarius**. O pintor assinava as mensagens que lhe eram encomendadas. Mas, não eram os candidatos que faziam sua propaganda, eram seus amigos ou admiradores, ou interessados na respectiva eleição. R. Etienne dá um exemplo dessa propaganda: **A. VETTIVM FIRMVM. AED. O.V.F. FVSCVS CVM VACCVLA FACIT**”, o que quer dizer: “Votai por A. Vettius Firmus, candidato à Edilidade, da parte de Fuscus e de

Vaccula”. Estes dois últimos nomes eram os dos patronos de Vettius Firmus. Havia, já naquela época, o “voto vinculado”: as candidaturas eram a quatro e quatro, dois edis e dois duúnviros. A recomendação mural podia ser para um só, ou para os dois ou para os quatro. Tal como hoje.

Um aspecto particular daquela campanha eleitoral: “Só os testemunhos de moralidade depõem a favor dos candidatos”, informa o historiador francês, que faz esta apreciação: “... preocupação suprema de pessoas para as quais é preciso ser honesto para gerir os negócios públicos”. (Quanto a isto, nós, nestes 1900 decorridos...bom, o leitor sabe como é.) Mas, uma coisa continuamos a praticar: “parece que havia pouca preocupação de exigir capacidades determinadas ou alguma competência técnica” (O diabo é que descuramos de ambos os aspectos: o da ética e o da aptidão.) Choviam os lugares-comuns. De um candidato, dizia-se que era **iuvenis probus**, ou seja, rapaz honrado; de outro, que era **probissimus**, mais honrado; de outro, que era **verecundissimus**, isto é, reservadíssimo. Outro era recomendado assim: **Omni bono meritis iuvenis**, jovem digno de todos os bens. De outro se dizia que era **iuvenis inocuae aetatis**, jovem irreprensível. Anota R. Etienne que não se injuriava, nem se difamava, “apenas as recomendações indesejáveis providas de brincalhões ou de gente suspeita” para lançar o descrédito às candidaturas. A “corporação dos dorminhocos” recomendava certo candidato. A “dos ladrões”, um outro. A “dos escravos fugios”, um terceiro. Alguém escreveu a recomendação das prostitutas Cuculla e Zmyrina à candidatura do bom padeiro C. Iulius Polybius, que, furiosamente, mandou cair a inscrição.

A campanha eleitoral abarcava toda Pompéia: as corporações de ofícios, as comunidades religiosas e culturais, professores e seus estudantes, atores, jogadores de bola e de xadrez, nas tabernas, nos lupanares, por toda Pompéia. “As mulheres mais vezes envolvidas nessas campanhas eleitorais, informa R. Etienne, eram as esposas dos taberneiros ou as donas dessas tabernas”, cujos nomes o historiador relaciona. Ele mesmo nos fala da quantidade dos candidatos: “Em tempo normal era acesa a luta entre os candidatos: atestam-se 2.800 inscrições, das quais 1.500 só para o ano de 79”. Era assim.

(**Diário Mercantil**, Juiz de Fora, 16/9/1982.)

* * *